

VILÉM FLUSSER

A questão do ensino superior.

Creio que poucos negarão o fato profundamente perturbador seguinte: o ensino superior está atualmente posto em questão com radicalidade, a ponto de se ter tornada imaginável não apenas a sua total reformulação, (ou, como se costuma dizer: "re-estruturação"), mas inclusive o seu total abandono. É claro: a questão na qual o ensino superior foi posto terá múltiplas respostas que dependerão dos ângulos sob os quais foi colocada. Por exemplo: no Ocidente liberal terá resposta diferente da que terá nas sociedades socialistas, e nas economias desenvolvidas diferente da que terá nas economias ditas "em desenvolvimento". Outro exemplo: terá resposta diferente do ponto de vista humanístico ~~da~~ do ponto de vista da tecnologia. Último exemplo: terá resposta diferente do ponto de vista político da do ponto de vista da comunicação. Tal diferença de respostas não obstante, a questão articula perturbação fundamental na nossa cultura. O presente ensaio procurará discutir levemente alguns aspectos disto.

"Ensino superior" é um método de transmitir de geração para geração os modelos e as regras de uma cultura de elite. O método é, na atualidade, de um arcaísmo surpreendente. Dá-se, como na Idade Média, em lugares fixos para os quais se dirigem tanto os emissores, (professores), quanto os receptores, (alunos). A transmissão é grandemente discursiva e visa armazenar modelos e regras nas memórias dos receptores. A estrutura da transmissão é a da ramificação, (especialização, "árvore"), e o critério para a ramificação, (a divisão em "matérias"), é superficial e inconsistente. Não há consenso quanto à meta do ensino: se são visadas memórias informadas por dados, ou memórias aptas para decidir, e se são visadas memórias de competências estreitas e profundas, ou de competências amplas e rasas. Há em consequência perseguição de metas contraditórias que se cancelam mutuamente. Não há, no ensino, distinção sistemática entre os vários tipos de modelos a serem transmitidos, (os de conhecimento, de funcionamento, de vivência, de comportamento), e entre os vários tipos de regras que ordenam os modelos, (lógicas, analógicas, estéticas, valorativas). Há, em consequência, grande quantidade de inconsistência, superposição e redundância no ensino. Não há compreensão da coincidência e da diferença entre memórias humanas e cibernéticas, nem das atuais nem das previsíveis. Em consequência memórias humanas são ensinadas para competir desesperadamente com artificiais, e não para servir-se delas. E numerosos outros aspectos do arcaísmo atual do ensino superior poderiam ser citados. Tal arcaísmo não passa, no entanto, de fenômeno superficial da crise, e seu possível saneamento não resolveria a crise.

Há outros métodos para a transmissão da cultura de elite. Por exemplo nos laboratórios de indústrias, em teatros, salas de concertos, exposições de arte, na literatura e nas viagens de turismo. São, em geral, métodos menos sistemáticos, menos pretenciosos e menos arcaicos, e, portanto, mais aptos de sobreviverem. (Embora tais métodos sofram, obviamente, to-

VILÉM FLUSSER
dos, dos efeitos da crise.) A sociedade geral não desvaloriza portanto tais métodos tão rapidamente quanto desvaloriza o ensino superior, o qual está rapidamente deixando de conferir aos participantes vantagens econômicas e "status" na sociedade. Não obstante, a crise diz respeito não apenas ao ensino superior como método arcaico de transmitir a cultura de elite, mas diz respeito à função da cultura de elite no contexto da cultura do Ocidente.

A cultura do Ocidente está, na atualidade, aproximadamente na situação seguinte: a revolução recente dos meios de comunicação, e especialmente a televisão, tornou possível e realizou uma cultura de massas sem paralelo na história da humanidade. Em tal cultura há um nivelamento intelectual, emocional, estético e moral, ("massificação"), que corresponde, aproximadamente ao nível cultural dos 16 anos de idade mental das gerações precedentes. Iste significa que todos participantes da cultura de massa têm a mesma idade mental, tenham eles idade cronológica de 8 ou de 80 anos. Em consequência, comunicam entre si em termos de igualdade. São todos igualmente competentes para os assuntos comunicados, (futebol, telenovela, política nacional e internacional, vida particular de astros de cinema), e assumem-se, portanto, todos, autoridades. Tal fracionamento da autoridade, ("democratização"), contribui poderosamente para a diminuição da quantidade de informação disponível na cultura de massa, e para a manipulação da massa pelos aparelhos confessos e inconfessos que controlam tal cultura. Contribui ainda poderosamente para a motivação dos participantes da cultura de massa: não busca de informação, mas de comunicação dita "humana". Por cima da cultura de massa e em relação problemática com ela age a cultura de elite. Tal cultura está em violento processo de evolução progressiva e ultrapassa atualmente em quantidade e qualidade de longe a capacidade armazenadora de uma memória individual humana. Ninguém pode, em consequência, ser autoridade no campo da cultura de elite, já não digo na totalidade desse campo, mas nem sequer em segmento significativo de tal campo. O que é fragmentação de autoridade na cultura de massa, é fragmentação de competência na cultura de elite. Na primeira, todos são autoridade, ninguém o é na segunda. Não obstante, a cultura de elite manipula a de massa, e funciona em função da cultura de massa. Tal, aproximadamente, a situação atual da cultura do Ocidente.

Visto assim, o ensino superior passa a ser um método para a transmissão da cultura de elite, tendo em vista a manipulação da cultura de massa. A sua contradição interna insuperável, ("dialética negativa"), reside no fato de serem os participantes do ensino superior também participantes da cultura de massa, e mais especialmente os alunos. De forma que surge a seguinte situação paradoxal: os alunos, condicionados pela cultura de massa, se assumem todos autoridade e visam comunicação "hu

VILÉM FLUSSER

mana", e os professores, condicionados pela cultura de elite, visam transmitir informação e recusam, se forem honestos, toda autoridade. Destarte, todos ficam frustrados. Tal frustração não passa de sintoma existencial da raiz do problema do ensino superior, que é o problema da cultura de elite. O ensino superior é frustrante, porque a cultura de elite não conseguiu, até agora, assumir conscientemente seu papel face à cultura de massa.

Resumindo, o seguinte pode ser dito: o ensino superior é um método arcaico de transmissão da cultura de elite. Isto explica a rápida erosão do seu "standing". Mas não importa que atualização do método, (por exemplo por ensino programado, por re-estruturação do ensino e abandono das universidades, por reformulação do currículo e das metas etc.), deixará intacto o problema. Até que seja assumido o papel da cultura de elite no contexto da cultura ocidental e face à cultura de massa, não será possível um engajamento autêntico da nova geração na cultura de elite. E tal colocação do problema estabelece um círculo vicioso no seguinte sentido: sem conscientização da cultura não há engajamento nela, e sem engajamento não há conscientização dela. Eis um aspecto fundamental da questão na qual o ensino superior está posto atualmente.